

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Revista



Uma iniciativa contra a homofobia

Memória do Produto

Hugo Edgar Póvoa Pullen Parente

Orientadora: Prof^ª. Selma Regina Nunes Oliveira

1/2011

Resumo

O presente trabalho é uma proposta para a criação e produção de uma publicação colaborativa e crítica, com conteúdo voltado para os públicos gay e simpatizantes do movimento gay. Uma revista manifesto que se pauta em estruturas de mobilização social e utiliza a arte como ferramenta de transformação, conhecimento e crítica.

Palavras-chave: Comunicação, Homofobia, Revista, Manifesto, Arte, Mobilização Social

Sumário

Introdução	1
Tema	2
Justificativa	3
Problema de Pesquisa	4
Objetivos	5
Metodologia	6
Método de Trabalho	7
Amostra	7
Conteúdo	10
A Revista MANIFESTO	12
Características Gerais	13
Tamanho	13
Número de Páginas	13
Nomes e Logomarcas	14
Fontes	17
Elementos Visuais e Fotos	18
Público Alvo	19
Aplicativos Utilizados	19
Matérias	19
Divulgação	21
Referencial Teórico	22
Identidade	22
Violência contra homossexuais	23

Mobilização Social	28
Comunicação e Arte	31
A Revista	32
Conclusão	36
Notas	38
Referência Bibliográfica	39
Obras Consultadas	40
Referência Visual	40
ANEXO I	41

Introdução

O presente trabalho pretende demonstrar a importância da inserção do assunto *homofobia* – atitudes e sentimentos negativos em relação a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros - como pauta social, tornando a sociedade ciente da quantidade de casos de violência cometida contra homossexuais. A grande quantidade de exemplos de violência, muitas vezes ignorados ou menosprezados pelo governo, polícia e até mesmo sociedade, fazem desta parcela da população um grupo vulnerável a diversas violações dos direitos humanos e necessitado de políticas públicas que alterem esta situação.

O trabalho pretende difundir ideias que norteiem uma mobilização social com um viés humanista e de direitos humanos, através da produção uma revista não comercial de cunho artístico e crítico. A publicação foi idealizada para ser entregue em um evento mobilizador afirmativo, com inspiração nos formatos recentes de manifestações, como flash mobs¹ e happenings².

Em um país democrático, a ordem social e sua vivência são construídas pelos cidadãos; logo, são passíveis de serem alteradas, basta que a maioria expresse assim o seu desejo. Assim, a revista Manifesto surge com o propósito de promover a discussão a respeito da homofobia na sociedade, tendo como objetivo maior uma alteração da atual realidade de violência e preconceito.

Tema

Revista Manifesto, uma iniciativa contra a homofobia, voltada para a mobilização da sociedade ao redor do assunto. A publicação pretende demonstrar às pessoas a necessidade de não perpetuar estereótipos e idéias que levem ao ódio e à discriminação de minorias sexuais, mostrando que estas idéias, quando levadas ao extremo, são causas da violência e da violação de uma série de direitos humanos. A revista será ainda adaptada para uma versão eletrônica para aumentar o seu alcance, e, sendo colaborativa, é idealizada para ter periodicidade à medida que forem surgindo novas pautas por meio do movimento de mobilização social que ela pretende instituir. A publicação, utilizando-se de um viés crítico e artístico, mostrará diferentes aspectos do universo da homofobia – violência, transfobia, preconceito, aspectos político e luta por direitos; seu objetivo é evidenciar o problema e convidar a sociedade a mudar a situação.

Justificativa

Baseado em informações do GGB – Grupo Gay da Bahia, o Brasil é considerado o país campeão em registro de assassinatos motivados por homofobia. A Constituição afirma serem fundamentais no país a dignidade e os direitos humanos e repudia qualquer tipo de discriminação. Porém, diante da realidade de violência existente, as iniciativas do governo ainda não apresentam uma mudança positiva nos números de crimes reportados; pelo contrário, estes números tem aumentado consecutivamente nos últimos 5 anos. Em diversos casos, os crimes são encarados como motivados por outras razões, e a questão da homofobia acaba sendo deixada de lado. Há ainda outros tipos de violência a que esta parcela da população é exposta, como a psicológica, moral e religiosa, porém a manifestação física é a mais brutal e evidente de todas, e assim, a que mais necessita de uma rápida resposta. Com uma perspectiva humanista que reivindique, principalmente pela arte, dignidade e direitos humanos para esta parcela da população, pretendo iniciar um movimento de mobilização-social, através da criação de uma revista-manifesto com temas que envolvam o assunto descrito.

Problema de Pesquisa

Que critérios devem ser levados em conta ou que devem nortear a criação de uma publicação de caráter artístico voltada para os públicos gay e heterossexual, que aborde questões sobre a homofobia e possa gerar discussões sócio-políticas a respeito do tema?

Objetivos Principal

Pautar questões sobre homofobia e homossexualidade através de uma publicação voltada também para o público heterossexual.

Objetivo Secundário

Estimular o surgimento de outras pautas para transformar a revista em um periódico colaborativo.

Metodologia

O presente trabalho tem caráter experimental, descritivo, bibliográfico e documental. Tem também um aspecto quantitativo-qualitativo uma vez que, para obter dados que balizassem os critérios utilizados para nortear a criação e o planejamento gráfico de um produto, foi realizada uma pesquisa de opinião junto ao público gay e heterossexual simpatizante. Foram aplicados questionários, quantificadas as respostas e feita uma análise qualitativa dos dados apurados.

O caráter experimental se dá pela tentativa de utilizar um tipo de veículo não utilizado normalmente para o propósito almejado. Uma publicação de arte com objetivos mobilizadores. O caráter experimental também se encontra presente na escolha do tema e na tentativa de procurar formas práticas de se trabalhar um assunto que, apesar de bastante presente hoje em dia, teve ingresso recente no meio acadêmico, não contando com material vasto.

O trabalho é também descritivo e bibliográfico porque, para atingir seus objetivos, foi necessário entender e estudar autores que abordam aspectos que pautaram a construção do produto, como: mobilizações sociais, definição de identidade, história do movimento gay, comunicação escrita.

Quanto ao seu aspecto documental, foram levantados diversos registros em jornais, relatórios de ongs, vídeos, revistas, entre outras fontes de dados atuais que pudessem contextualizar a situação estudada.

Método de trabalho

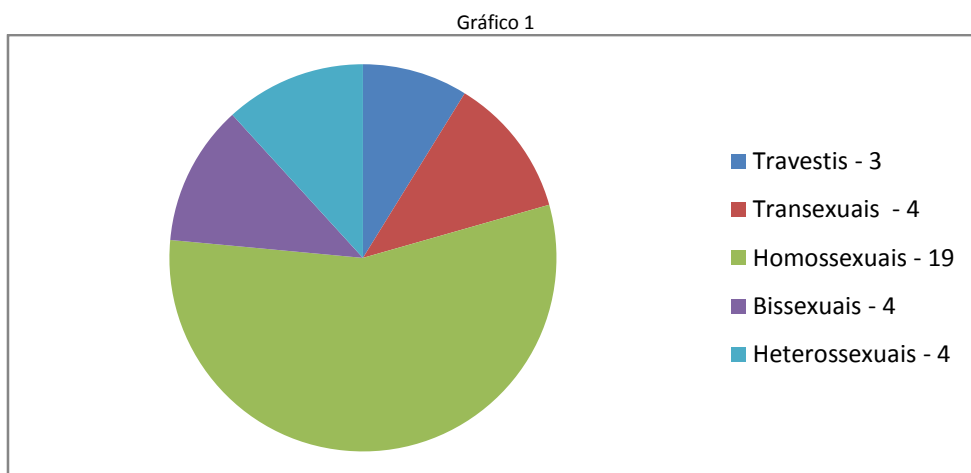
Amostra

Aplicação de questionário durante a Marcha Nacional Contra Homofobia, em 18 de Maio de 2011, buscando, em representantes do grupo vitimizado pela homofobia e também do grupo de heterossexuais “simpatizantes”, parâmetros que norteassem o conceito/construção da publicação.

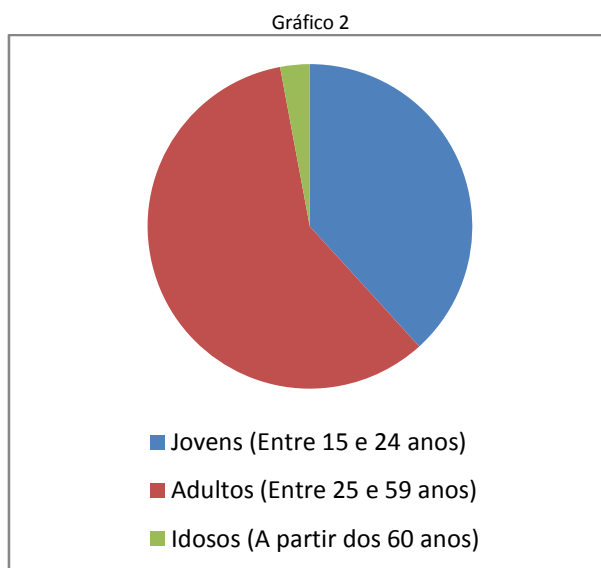
O questionário (Anexo 1), estruturado e aplicado abertamente (não disfarçado), tinha características de pesquisa quantitativa e qualitativa. Foram feitas 4 perguntas, todas abertas:

- 1) Para você, qual o meio de comunicação mais eficiente para levar à população informações que tenham intenção de acabar com a homofobia.
- 2) Qual o motivo de sua escolha na questão anterior?
- 3) Se houvesse alguma publicação com esta intenção, que tipo de conteúdo você considera importante a ser abordado?
- 4) Que características você acha que esta publicação necessita para ser mais atraente ao público?

O universo da pesquisa engloba 34 entrevistados. Quando pedidos para se classificarem em relação ao seu comportamento sexual, se auto-classificaram em:



Tomando a idade como base, podemos dividi-los, segundo os critérios do IBGE, em



A primeira e a segunda perguntas foram abertas e obtiveram os seguintes resultados:

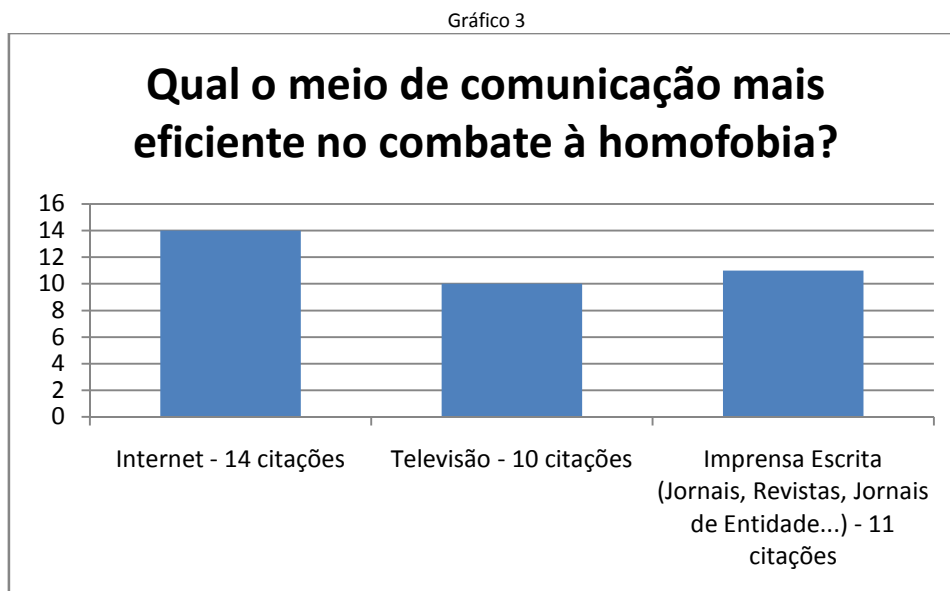


Gráfico 4

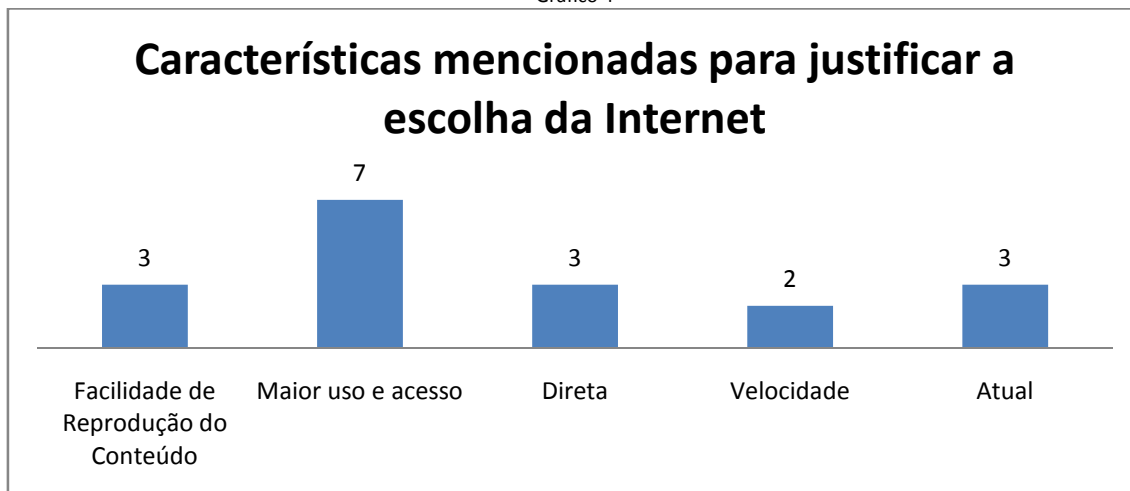


Gráfico 5

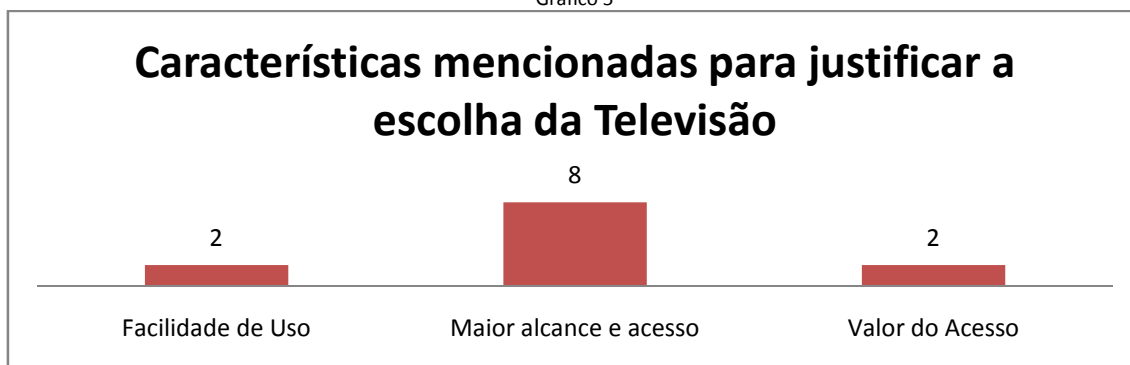
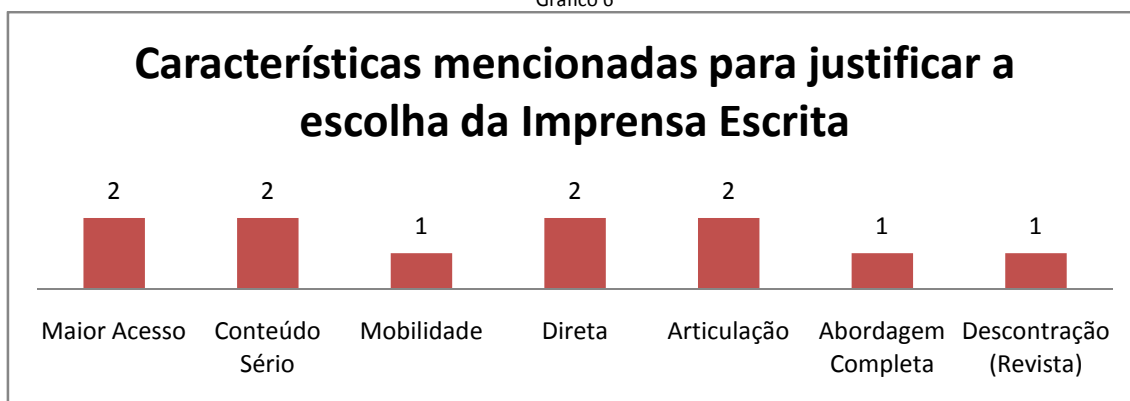


Gráfico 6

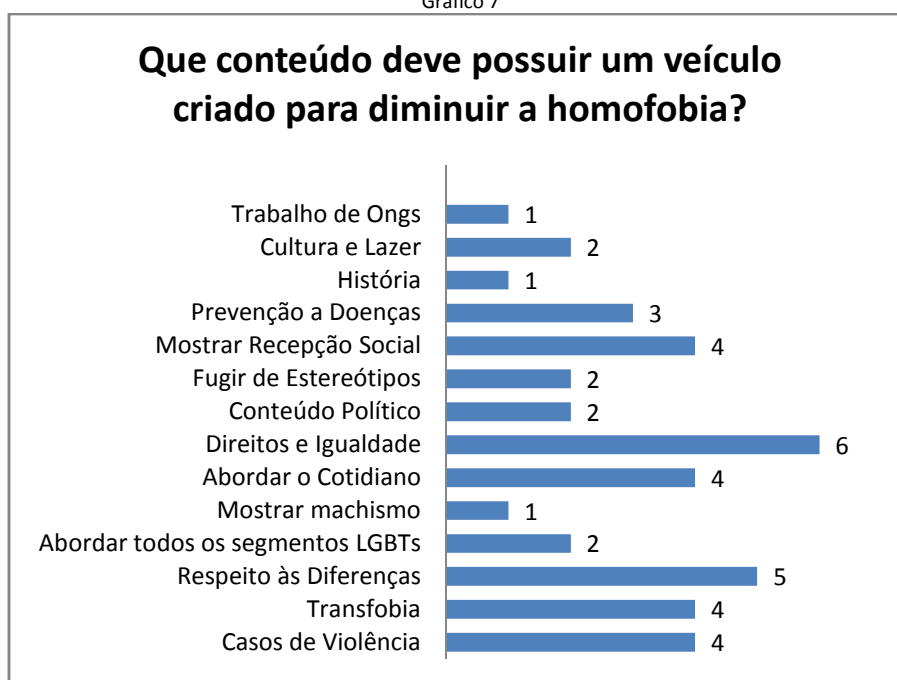


A pergunta sobre o meio de comunicação mais eficiente buscava guiar a escolha do veículo para a publicação, e teve resultados bastante equilibrados. A televisão, apesar de ser lembrada pelo seu alcance e acesso, não foi encarada como uma opção viável para o presente trabalho, e foi descartada pelos seus altos custos de produção e demais

dificuldades decorrentes. A idéia inicial era criar um veículo de mídia impressa, e o resultado confirmou este plano. O potencial da imprensa escrita em seu uso contra a homofobia foi lembrado em diversas características, como seriedade de seu conteúdo, poder de articulação, facilidade de acesso, além de sua capacidade de mobilidade e de apresentar conteúdos de maneira completa. Outra vantagem da revista é a sua facilidade de ser incorporada em um evento que sirva de elemento coletivizador da mobilização, ela pode ser distribuída em eventos e servir de convite para que mais pessoas se sintam engajada. Porém, a grande quantidade de citações a Internet como melhor meio, levantando características como enorme uso, facilidade de reprodução de conteúdo e atualidade, sugeriu a possibilidade de criar ainda uma versão da publicação adaptada para os meios eletrônicos. Dessa forma, foi definido que a publicação seria feita a princípio em um veículo escrito e que contaria também com uma versão eletrônica a ser divulgada na Internet.

Conteúdo

Gráfico 7



Para elaborar o conteúdo, foi realizada também uma pergunta aberta. As respostas foram variadas, mas todas elas orbitavam ao redor de um caráter político. Uma das principais reivindicações feitas para o conteúdo pela parcela entrevistada visa a garantia de direitos e de igualdade, assim como o respeito às diferenças. Outras pautas que os

pesquisados desejam ver no veículo são de casos de violência, considerados essenciais para evidenciar a homofobia, e casos de transfobia, lembrados pela maioria das transexuais e travestis entrevistadas. A transfobia, segundo elas, costuma ser ignorada tanto pelo meio LGBT quanto pela sociedade em geral, e, talvez, seja a principal contribuição para o grande número de casos de violência.

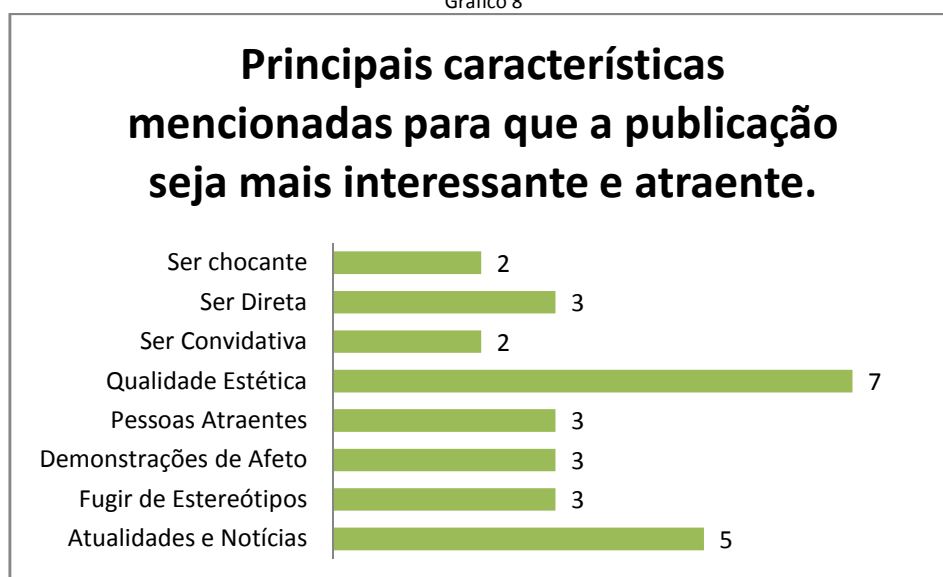
A abordagem do cotidiano e a recepção social que os gays encontram na sociedade também foi bastante mencionada. A ideia é demonstrar que gays tem um dia-a-dia normal e como são recebidos em seus círculos sociais.

Fugir da abordagem de estereótipos foi considerado importante pelas pessoas entrevistadas, sendo lembrado não apenas como conteúdo, mas como fator para deixar a revista mais atraente e interessante.

Outra preocupação mencionada é com a prevenção a doenças. O assunto não tem influência direta com o combate à homofobia, e pode ter efeito contrário. Insistir em prevenção de doenças todas as vezes que se trata do assunto homossexualidade pode estar reforçando idéias e estereótipos de que homossexuais possuem (mais que heterossexuais) vida de riscos ligada a doenças. Por isso este assunto foi descartado como pauta na revista.

Outros assuntos que foram muito mencionados na busca a conteúdos foram: abordar cultura e lazer, “conteúdos políticos” e buscar incluir todos os segmentos da sigla LGBTs.

Gráfico 8



Na busca por uma revista que se mostre mais atraente ao público, alguns aspectos foram mais lembrados que outros.

Em primeiro lugar e considerada mais importante, está a qualidade estética da revista. Grande parte dos entrevistados acham que esta é a principal maneira de despertar no leitor interesse pelo veículo.

Contar ainda com atualidades e notícias é fator importante para que a revista seja atraente e não passe despercebida. Muitos lembraram da necessidade de demonstrações de afeto e de um conteúdo com abordagem direta como elementos para motivar a vontade nos leitores. Outras características como: fuga a estereótipos, cultura e lazer, e abordagem de direitos foram considerados importantes tanto como conteúdo, quanto como elementos que agreguem interesse à revista.

Outras características que foram mencionadas: possuir depoimentos; ter conteúdo diversificado; simplicidade; ser questionadora; mostrar as vantagens de uma sociedade sem preconceitos; abordar direitos; mostrar transexuais; mostrar a homossexualidade como um comportamento normal; não ser chata, pedante ou apelativa; e ter lésbicas na capa – esta resposta foi dada em um contexto irônico, portanto foi apenas documentada e não considerada para o trabalho.

A Revista MANIFESTO

De posse destas informações, foi possível iniciar a estruturação de conteúdo e demais características da revista. Durante o percurso do trabalho, foi decidido que a revista teria caráter artístico; assim, algumas das sugestões de matéria e de aspectos visuais foram deixadas de lado, para que fosse possível um foco mais definido para o lado artístico da publicação. Por outro lado, a escolha da arte como ferramenta de comunicação eleva a importância de itens considerados importantes como: qualidade estética, cultura e lazer, demonstrações de afeto. Assim como dá maior liberdade para se trabalhar com questões políticas, notícias, estereótipos, entre outros.

A revista é colaborativa, assim, diversos artistas foram convidados a fazer parte do conteúdo e expor idéias e trabalhos no projeto. Assim, na publicação encontram-se artes

ilustradas, textos, fotografias, tiras, sugestões de entretenimento, fragmentos de notícias entre outros. Os textos serão curtos e sempre que possível, dispensados. Procurou-se assim não limitar o entendimento, disponibilizando apenas a informação essencial com o intuito de deixar o leitor livre para buscar o máximo de interpretações próprias diante da obra que está em contato.

Para que uma publicação seja considerada uma revista, é necessário que ela possua periodicidade definida. Neste contexto, a revista pode ser considerada como simples publicação impressa, uma vez que a periodicidade será eventual e determinada a partir da colaboração de artistas e demais colaboradores para a existência de edições seguintes.

Características gerais

Tamanho: 16,5x23cm

A princípio, foi considerado o tamanho A4, por ser um padrão com o qual as pessoas estão acostumadas e também um formato A5, por se manter a proporção do formato anterior e ainda gerar economia de papel para a impressão. Porém, o primeiro formato foi descartado pois, ao mesmo tempo que ele encontra reconhecimento fácil, pode ser confundido com outros materiais e não passa uma imagem de produto diferenciado. O formato A5 foi descartado porque parecia muito pequeno para a visualização das artes que estariam presentes no veículo. Durante a pesquisa de referências visuais, o formato da revista belga STANDARD, que aborda assuntos de cultura e moda, se mostrou interessante. O tamanho 16,5x23cm é menor que um A4 mas não aparenta ser econômico, pelo contrário, passa a impressão de proporcionalidade e conteúdo precioso. As diversas imagens que estão na revista podem ser vistas com clareza e possuem um bom tamanho. Assim, tendo essa revista como referência, a Manifesto adotou o mesmo formato para suas páginas.

Número de Páginas: 26

Todas as edições da revista Manifesto são planejadas para que seu conteúdo se encaixe neste número de páginas. A razão para tal escolha é que as páginas serão numeradas não

por algoritmos, mas sim por letras. A idéia surgiu a partir do texto do artista e poeta Davi Arauto, que abre a revista, funcionando também como Manifesto Escrito e expõe que todos nós somos letras. Numerar as páginas por letras não complica a busca do conteúdo e ainda faz analogia com a sigla LGBT, em que minorias sexuais são representadas por letras.

Nome e Logomarca

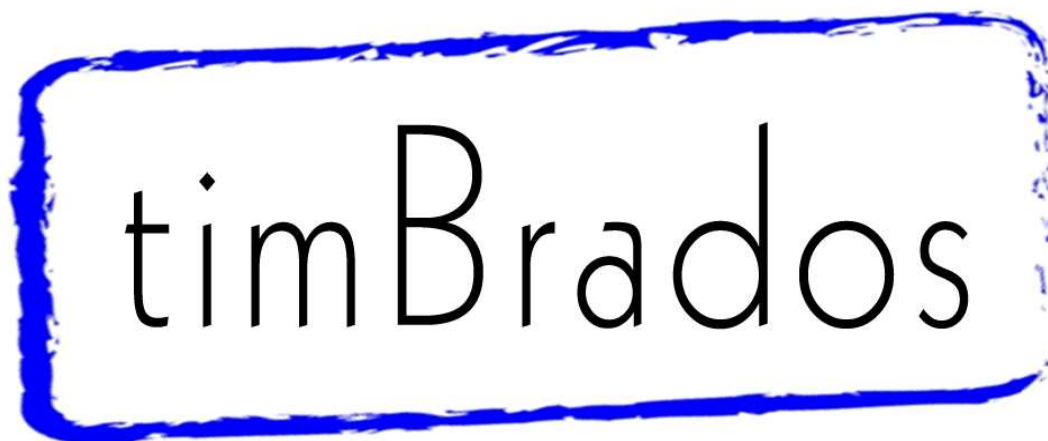
Durante o percurso da criação e concepção da revista, diversos nomes foram cogitados. Os principais nomes e seus respectivos rascunhos de logomarca foram:



Rótulo – O nome partiu da idéia que minorias sexuais são rotuladas não apenas com a nomenclatura de seus comportamentos, mas também por uma série de estereótipos e estigmas que são relacionados pelo senso comum a cada um destes grupos. Apesar do tom crítico, este nome não pareceu adequado para uma revista com propósitos artísticos, ficando mais no caráter de explicitar a existência de rótulos do que em agregar algum valor positivo à identidade da revista.



Código LGBT – Esta sugestão de nome segue uma linha parecida com a anterior. Ela expõe o estigma de ser rotulado através de códigos de barras. Além dos motivos que descartaram a logomarca anterior, esta ainda sugere novas leituras como uma espécie de ‘código de honra’ ou algo que só está ao alcance de quem faz parte da minoria em questão, por isso foi descartada.



Timbrados – Mais um nome que sugere marcação das minorias. Contém ainda o radical BRADO, fazendo referência ao ato de se expor, manifestar. Mas esta idéia foi logo descartada por ser mais facilmente relacionado a escritórios do que ao tema proposto.



Letras – Surgiu em referência às letras da sigla LGBT, e também insere a questão de código de barras e cores da bandeira gay. Porém o nome foi descartado por ser já comumente associado a outras áreas do conhecimento. Seria fácil confundir a publicação com uma revista voltada para literatura. As cores da bandeira gay, enquanto elemento gráfico, funcionaram bem visualmente, mas deram um tom de descontração à logomarca, não pretendido por se tratar principalmente de um manifesto que pretende ser levado a sério.

MANIFESTO – Foi o nome escolhido para a revista. É uma escolha simples, sua obviedade fez dela uma boa opção. Chamar a revista de MANIFESTO faz com que quem tenha contato com seu nome já tenha idéia do seu propósito: se manifestar. Os primeiros testes de logomarca chegaram aos seguintes resultados:



A logomarca final escolhida foi:



A escolha do nome se deu porque, além do fato de ser simples e direto, ele é sério e passa exatamente a intenção desejada. A fonte escolhida, da família GeoMetric706, é reta, de fácil leitura e reprodução. Os caracteres A e O foram totalmente preenchidos, com inspiração em estêncis, bastante utilizados com propósitos de manifestações urbanas. O principal elemento gráfico é um balão de fala, inspirado por histórias em quadrinhos. Suas quatro setas indicam que o discurso deste manifesto é compartilhado por vozes que se unem, e, juntas, fazem o coro sua realização. A logomarca é preta e seu conteúdo é vazado, sempre dando visibilidade ao que se encontra por trás. O conceito por trás desta escolha, além de fazer analogia com o stêncil, mostra também um entrosamento com todas as superfícies/fundos onde a logomarca for utilizada.

Fontes

A principal fonte, utilizada como corpo do texto, é da família Geometr231 LT, tamanho 9. Ela é prima da fonte da logomarca, criada pelo mesmo autor, e por isso funcionam bem aplicadas juntas. A fonte escolhida para texto é sem serifa, leve e funciona bem quando relacionada a temas artísticos. Sua leitura é fácil e fluida.

Fonte normal para textos:

«Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur»

Fonte negritada para destaques:

«Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur»

Elementos visuais e fotografias

A revista possui poucos elementos visuais, sendo o mais recorrente deles o uso da logomarca no nome das seções, caixas pretas para o fundo do texto e utilização dos caracteres das famílias de fontes escolhidas. Foi feita esta opção para que a revista parecesse o mais simples possível, sendo as obras dentro dela os elementos mais importantes e destacados. As fotografias estão sangradas, de um canto ao outro da página, para que ocupem o maior espaço possível.

Público-Alvo

A revista MANIFESTO possui como público-alvo todos aqueles que se interessarem pelo tema, ou seja, tem um universo que engloba praticamente todos homens e mulheres, de todas as classes - principalmente B, C e D – e acima de 18 anos de idade. Isso não implica que outras idades e classes serão excluídos de nosso público, pelo contrário: em primeiro lugar, a revista é elaborada para ser distribuída a quem se interessar, sem acepção de público em um evento aberto. Em segundo lugar, como estamos falando de mobilização social, quanto mais pessoas forem atingidas pela mensagem da revista, mais próximo de seu objetivo a MANIFESTO estará, convidando mais e mais pessoas a trabalharem como Reeditores Sociais da mensagem que a publicação carrega.

Aplicativos utilizados

Para a fase de produção da revista, foram utilizados os aplicativos Photoshop CS3 para edição de imagens e criação de artes e montagens. Os aplicativos Corel Draw X5 e InDesign CS3 foram utilizados para diagramação de textos e páginas.

Matérias

Algumas matérias foram classificadas em seções. A idéia de defini-las em seções não visa limitar o conteúdo da revista, mas serve para poder orientar a divisão de matérias e estimular a criação de novas pautas. Isto não significa que toda edição terá as mesmas seções, uma vez que, por ser colaborativa, não se pode prever que tipos de matéria estarão presentes nas edições posteriores.

-**Números** – Arte/ilustração interativa que abre a revista, **Hugo Pullen**. O propósito desta matéria/arte é mostrar que a parcela da população estudada é maior do que muitos imaginam. Assim como a violência a que estão expostas.

-Seção: MANIFESTO ESCRITO . Nesta seção, a cada edição da revista, figurarão textos enviados por poetas, escritores e demais artistas. Nesta edição: **LETRAS, Davi Arauto e Hugo Pullen**. Texto escrito em tom de desabafo pelo autor.

Serve como manifesto escrito que sintetiza uma das principais mensagens da publicação: o desconforto diante do preconceito.

-Silenciar é ser cúmplice – Duas artes ilustram este conceito:

-**Os macacos** – Com fotos de **Emília Silberstein** e montagem de **Hugo Pullen**. Esta arte faz referência à famosa obra budista “Os Três Macacos Sábios” invertendo o seu valor ao agregar a ela a indiferença diante da brutalidade e da quantidade de crimes cometidos contra minorias sexuais no Brasil. Para esta arte, nenhuma reportagem foi repetida, expondo os números exorbitantes de crimes cometidos contra LGBTs.

-**Shhhhh!** – Arte e foto: **Hugo Pullen**. Esta imagem busca inspiração na imagem da enfermeira que pede silêncio para exemplificar casos de violência que são silenciados às vezes por quem a sofreu, às vezes por quem teve contato com a vítima.

-Seção MANIFESTO ENSAIO - **Fotos: Emília Silberstein**. Fotos tiradas especialmente para a revista MANIFESTO com inspiração na obra Os Amantes, de Renee Magritte.

- MANIFESTO ESTANDARTE. O foco desta seção é demonstrar registros de pessoas segurando placas e cartazes mandando sua mensagem contra preconceito. Nesta edição fotos de: **Alexandra Martins**. Registro de indivíduos LGBTs em momentos de busca de direitos, cada um segurando sua placa/estandarte com a mensagem que deseja passar

- MANIFETO ENTREVISTA: **Laerte**. Entrevista com o cartunista que se assumiu travesti (cross-dresser) com apresentação de algumas de suas obras.

- MANIFESTO INTERNACIONAL, registros inspiradores vindos de fora do país. Nesta seção fotos de **Artur Cavalcante**. Registros da comemoração em Buenos Aires após decretação da legalidade da união civil gay.

-MANIFESTO URBANO: esta seção pretende explorar a comunicação de rua, grafites, stencils, pichações e outras formas de manifestos presentes na cultura urbana. Nesta edição: **DANFA**

-MANIFESTO AFETIVO: Demonstrações de afeto entre diversos tipos de casais diferentes, celebrando o amor e a diversidade. Nesta edição: **Kazuo Okubo**. (Este foi o único artista que ainda não liberou as imagens para divulgação completa. Porém, enquanto este trabalho for apenas acadêmico, não há porém em utilizá-lo aqui)

-MANIFESTO SUGERE: Para ver e ouvir. Sugestões de filmes e bandas cujo conteúdo ou trabalho exploram o universo da homossexualidade e homofobia.

Divulgação

A revista MANIFESTO foi elaborada para ter distribuição gratuita. Ela contará com uma versão online eletrônica, um grupo no Facebook® (como elemento coletivizador e divulgador da mobilização) e um link para um arquivo PDF pronto para impressão. Dessa forma, o acesso a revista será amplo e todos poderão imprimi-la e divulgá-la. Para tal, a revista contará com seus direitos inscritos dentro do Creative Commons, sendo seu conteúdo livre para cópia, desde que sem fins lucrativos.

Para criar um impacto e distribuí-la a um público maior, será elaborado uma espécie de flash mob¹/happening², que utilizará a visibilidade do evento para distribuir a revista a todos que se interessarem. Para isso, no entanto, é necessário o levantamento de fundos que possibilitem a impressão da publicação. O capital será buscado através de um projeto de captação de recursos que será enviado a entidades, governo e possíveis patrocinadores que tenham interesse em ajudar na divulgação da mensagem da MANIFESTO.

Referencial Teórico

Identidade

Para trabalhar com uma temática homossexual é necessário procurar significados ou motivos que deem origem a esta classificação, que divide sociedade em heterossexuais e outros indivíduos que possuem outras vivências de sexualidade, entre elas a homossexualidade, por muito tempo consideradas desviantes (FRY, 1983, p.11).

De acordo com os Estudos Culturais, qualquer classificação, seja em tipos como homossexual, bissexual, travesti, transexual; ou em outros termos que envolvem práticas de significação, está permeada por relações de poder. Para dar base a uma classificação, é necessária a existência de um sistema simbólico, que fornece o sentido das divisões para identificar ou acentuar diferenças entre os classificados. (WOODWARD, 2000, p.17-19).

Estes estudos afirmam que identidade e diferença são intimamente dependentes de representação. Assim, é pela representação que elas se ligam a sistemas de poder. Definir e determinar identidades só é possível a quem tem o poder de representar. Questionar a diferença e a identidade é ao mesmo tempo questionar os sistemas de poder e de representação ao qual estão ligados.

Constituindo uma das áreas dos Estudos Culturais, assim como se relacionando a outras como Sociologia da Sexualidade, Filosofia e Artes; a Teoria Queer se propõe a estudar identidades, orientação sexual e gêneros. Afirma que todas estas classificações são construções sociais, e que não existem essencialmente ou biologicamente na natureza humana. Dessa forma, ela se propõe a questionar tanto a existência destas identidades quanto dos sistemas de poder que dão origem a elas. O termo queer, vem do inglês, e quer dizer anômalo, estranho, diferente³, e se aplica a todas as sexualidades, não apenas as consideradas desviantes, por considerar que todas são igualmente construídas e anômalas. (MISKOLCI, 2009, p.12-18)

A teoria queer vai contra as classificações tradicionais (hetero, homo), porém, não podemos negar que a nossa sociedade utiliza estes critérios para classificar seus

indivíduos, e que este tipo de classificação encontra representatividade em diversas áreas. Muitos indivíduos se classificam dentro destes padrões, engajam-se em campos chamados movimento ou ativismo homossexual e sofrem o que é chamado de homofobia. O movimento homossexual, que atua na busca de direitos e dignidade para as minorias sexuais, teve uma história de atuação bastante recente se comparado aos movimentos por direitos de negros e de mulheres. (FRY, 1983, p.82).

Violência contra homossexuais

No último ano, 2010, segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB, Organização Não Governamental com atuação na área de direitos gays e de outras minoria sexuais), 260 homossexuais foram mortos em crimes motivados por ódio e discriminação sexual. A forma de discriminação dirigida às minorias sexuais - que inclui gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros- é definida pelo termo homofobia.

Homofobia não caracteriza apenas a violência física vivida nas ruas, como a demonstrada pelos dados do GGB, mas abrange outros tipos de exclusão e discriminação, seja psicológica ou verbal, e também apresenta-se em diversas esferas: doméstica, escolar, profissional... Sua manifestação pela violência física, entretanto, é a forma mais evidente e brutal; e pode ser encarada, senão como influenciada pelas outras, como a maneira em que a ela é levada à sua forma mais extrema de se expressar. (CARRARA, 2006, p.190). Michaud define que:

há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (Michaud, 1989, p.11)

Como se trata de uma manifestação externa ao indivíduo, o ponto inicial para entender a homofobia não deve partir de como os LGBT – Sigla que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (travestis e transexuais) - definem sua identidade, mas sim como a sociedade brasileira a enxerga. Em alguns casos, como o noticiado por diversos programas e veículos no Brasil como Fantástico⁵ e Estadão⁶, em que um grupo de

estudantes foi atacado com lâmpadas fluorescentes, uma das vítimas não era gay, mas os criminosos assim o classificaram e fizeram dele mais uma vítima da homofobia.

Peter Fry e Edward MacRae em seu livro "O que é homossexualidade" mostram a trajetória da interpretação da homossexualidade no Brasil. Afirmam que não há um entendimento único da homossexualidade, e que ela varia segundo diversos fatores: região, classes sociais, níveis de escolaridade, mas para o estudo do livro se prenderam ao entendimento mais generalizado e presente na maior parte da população, chamada de "Brasil Popular". Enfatizam que deve ser levado em conta o fato de que o Brasil faz parte e é influenciado pelo grupo de países ocidentais; assim, as maneiras como encaram fatos se relacionam, influenciados pela produção cultural e acadêmica uns dos outros, por exemplo países como Estados Unidos, Grã Bretanha, França, entre outros.

Segundo Fry e MacRae (1983, p.60-61), por muito tempo a religiosidade cristã encarou a homossexualidade como um comportamento indigno, depravado e pecaminoso. Em trecho retirado das Consituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, de 1707, este afirma sobre a homossexualidade: "*Hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo próprio Diabo*" e que podia ser punida com a morte na fogueira. Em alguns países, a influência moral da religião norteava os rumos da lei; logo, com a intenção de reprovar o comportamento homossexual, o mesmo passou a ser considerado crime. Há muitos casos documentados de pessoas condenadas e mortas acusadas de sodomia. A homossexualidade feminina não era muito documentada, mas ainda assim reprimida. Na segunda metade do século XIX, a medicina demonstrou interesse pelo comportamento, aprofundou estudos a respeito do tema. A área da saúde passou então a reivindicar a autoridade para tratar sobre os assuntos que abordem a sexualidade. De pecado e crime, esta vivência passou a ser vista como doença e distúrbio. Mesmo que tenha havido diminuição na carga negativa como era encarada, ainda era vista como algo antinatural, já que passível de cura e tratamento. Ainda segundo os autores (FRY e MACRAE, p.62) Foi dentro da medicina que surgiu o termo homossexual; antes este grupo era definido por termos de caráter pejorativo, como *pederasta, bicha, sodomitas*. Uma diferenciação trazida pelo termo é que ele fazia referência tanto a quem desempenhava o papel "ativo" na relação sexual quanto ao "passivo"; antes, no "Brasil Popular", o homem gay "ativo" gozava de mais status de *homem* enquanto o "passivo" era rebaixado ao status de *bicha*. A medicina trouxe o foco do estudo para o objeto de prazer sexual, afastando-o da percepção de papel sexual

e social dos indivíduos que permeava adjetivos como *bicha*, *fancha*, entre outros...

Mesmo que a noção popular tenha sido influenciada pelos esclarecimentos dados pela medicina, ela ainda é fortemente ligada à percepção dos papéis sociais (CARRARA, 2006, p.190), que ocorre por meio de análises superficiais e imediatas, como ocorreu no caso do estudante que, mesmo sendo heterossexual, foi confundido com homossexuais e vítima de homofobia.

A maneira de encarar esta vivência de sexualidade tem se transformado ao longo do tempo, mas ainda carrega traços de sua história (FRY, p.27). O ativismo gay tem empregado esforço para abolir termos como homossexualismo e opção sexual. O primeiro por ter o sufixo “-ismo”, que possui em alguns casos o sentido de posições ideológicas, filosóficas e políticas e em outros casos é utilizado para denotar doenças, não sendo adequado em nenhum deles para tratar de sexualidade. O segundo é repudiado porque uma das metas da militância é demonstrar que a homossexualidade não é optada por nenhum indivíduo, e que se trata de uma característica. Os militantes alegam que afastando a idéia de escolha, fica mais fácil perceber a homossexualidade como uma orientação e que faz parte da constituição do indivíduo, tal qual a heterossexualidade. Assim se torna mais fácil combater o preconceito, tratando essa vivência como uma característica não passível de culpa ou intenção, ou mesmo pecado e perversão. É muito comum ouvir dos ativistas, ao defenderem o termo “orientação sexual”, frases como: “quem decidiria escolher o caminho mais difícil e alvo de tantos preconceitos?”. A luta pelos direitos dos homossexuais ainda é bem recente, e não atingiu todas as suas metas na sociedade. Apenas em 1990, a homossexualidade parou de figurar na lista de doenças mentais, Classificação Internacional de Doenças (CID), da Assembléia-Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação a pessoas homossexuais como uma violação aos Direitos Humanos. Isso não implica necessariamente que esta visão seja compartilhada por toda a sociedade.

No Brasil, em maio de 2011, o Supremo Tribunal de Justiça reconheceu a união estável entre casais homossexuais. O caso repercutiu em todo o Brasil, a Congregação Nacional dos Bispos do Brasil e o Conselho de Pastores Evangélicos do Distrito Federal emitiram notas que repudiavam a decisão, demonstrando também a opinião de uma parcela da população que se vê representada por estes grupos.

A iniciativa do GGB de levantar números de assassinatos no Brasil visa demonstrar para a população geral as consequências extremas do preconceito. Desde 1980, a ONG levanta a quantidade de assassinatos de homossexuais ao longo do ano no Brasil, demonstrada no Relatório de Assassinatos de Homossexuais. De 1980 a 2010 foram documentados pela entidade cerca de 3450 assassinatos. O presidente da GGB, Luiz Mott, afirma que este número talvez esteja abaixo da realidade, uma vez que a fonte primária para a documentação são os fatos que são noticiados em jornais e nem todos acabam sendo divulgados. O grupo manifesta ainda preocupação com o crescimento que este número vem alcançando nos últimos anos.

Tabela 1

Assassinatos de Homossexuais Documentados no Brasil	
2007	105
2008	190
2009	198
2010	260
Até maio de 2011	76

Esta série de denúncias que evidenciavam este tipo de violência específica ajudou a romper o silêncio que pairava no Brasil a respeito do tema, e deu forças para a criação, em 1999, do primeiro projeto de política pública de segurança voltada para homossexuais, o Disk Denúncia Homossexual (DDH) no Rio de Janeiro. O DDH funcionava não apenas como fonte de denúncia, mas também como defesa. Visava diminuir a violência através da prevenção ao analisar os lugares com maior incidência de crimes, assim como atender as vítimas que o procuravam, ao mobilizar polícia para receber denúncias e mobilizar redes de apoio jurídico e psicológico (CARRARA, 2006, p.195). Outro fator que diferenciava este serviço é que entre as diversas articulações que formavam este programa, havia pesquisadores de ONGS e de universidades, que transformavam as informações coletadas em base para pesquisas e para a criação de outros projetos que tivessem como meta entender a violência homossexual e defender os cidadãos dela, como o Brasil sem Homofobia e outras campanhas localizadas como Rio sem Homofobia.

Carrara demonstra que foi percebido, a partir da coleta de dados, que a violência se mostrava através de variadas dinâmicas. Em 1/3 dos casos, o relato se dava na esfera doméstica ou na vizinhança, sendo a maioria crimes “não-espetaculares” e “não-letais” (RAMOS, 2006, p.32), em escala micro-societária. A matriz do estudo mostrou outras divisões ainda, como crimes com fins de lucro (latrocínios, assaltos, extorsões, chantagens e golpes do tipo *Boa-noite Cinderela*) e crimes de ódio (espancamentos, assassinatos e outras ameaças a vida). Estes estudos mostraram a grande complexidade e diversidade que ocorrem de crimes de origem homofóbica, e sua consequente dificuldade em desenvolver ações que combatam todos ao mesmo tempo e com eficiência. O programa, iniciado em 1999, entretanto foi descontinuado em 2000, com a troca da equipe de Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro. (RAMOS, 2006, p.34)

Pelo reconhecimento dessas formas diversas de violência, o governo do Brasil apresentou outra iniciativa para combatê-la, o Brasil Sem Homofobia, lançado em 2004. Neste programa, diversos Ministérios e Secretarias se uniam ao redor de ações que visavam diminuir a ocorrência de relatos de homofobia. Entre as ações, há as que visam a capacitação de órgãos e escolas para diminuir as atitudes discriminatórias; incentivam as lideranças LGBT a participarem de projetos e reuniões para a criação de programas sociais; estimulam a produção de conhecimento sobre as condições desta parcela da população; e apoiam a iniciativas de reconhecimento de Direitos LGBTs, inclusive na esfera internacional. Grande parte das diretrizes do programa foram seguidas, como visto no apoio do Governo a diversas paradas do Orgulho e a Congressos e Seminários que debatam a sexualidade, porém outras iniciativas no campo da educação esbarram em opiniões negativas na sociedade.

O Ministério da Educação preparou uma cartilha Contra a Homofobia para ser distribuída para alunos do ensino público. Esta cartilha foi alvo de diversas polêmicas na sociedade. O deputado Jair Bolsonaro separou uma verba do seu gabinete para criar um panfleto contra essa cartilha e distribuí-lo em escolas públicas do Rio de Janeiro, chamando a cartilha de *Kit-Gay* e *Plano Nacional da Vergonha* afirmando que a mesma “incentiva o homossexualismo nas escolas públicas do 1º grau, bem como torna nossos filhos presas fáceis para os pedófilos”. O Deputado ainda possui outras declarações sobre o tema, se “o filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele [...]”⁴. Declarações como esta encontram apoio na sociedade e

mostram a distância a ser percorrida no sentido da conquista de direitos plenos para os LGBT.

Como demonstrado, devido a diversificada forma como a homofobia se apresenta, inclusive em seus registros de violência, é difícil sugerir ações que sejam eficientes no combate a todas elas. No entanto, a educação e a informação ainda se mostram como as melhores ferramentas para diminuir o preconceito, que é muitas vezes manifestação da falta de conhecimento. Iniciativas como as do GGB e do DDH, que expuseram para a sociedade a realidade violenta a que são submetidas minorias sexuais, serviram para demonstrar a real necessidade de políticas públicas e outras ações que visem alterar a dinâmica destes fatos.

Os crescentes números reportados nos relatórios do GGB podem ser interpretados como um alerta à sociedade para uma realidade que ainda se mostra problemática e que, por mais que o governo lance iniciativas que visem alterá-la, não são totalmente eficientes. É necessário ainda que a população entenda que este é um problema de segurança pública e se sinta motivada a resolvê-lo.

Mobilização Social

Para motivar a sociedade a alterar a atual realidade de violência mencionada, é necessário lançar e divulgar informações que visem diminuir o preconceito e homofobia. Em outras palavras, para criar uma movimentação por mudança necessita-se sensibilizar o maior número de pessoas a respeito do problema proposto – casos de violência para com LGBTs. O fenômeno de reunir um grupo de pessoas e suas vontades por um propósito em comum é chamado de Mobilização Social.

A diferença entre a mobilização social e um evento, é que a primeira não se encerra em si mesmo com começo, meio e fim; mas convoca as pessoas a atuarem em seu cotidiano e a se dedicarem continuamente, mostrando que elas são responsáveis pela possibilidade de uma mudança em sua realidade. (TORO, 1997, p.12)

No Brasil, é possível falar em mudança porque a forma do Estado é Democrática, ou seja, sua ordem social é auto-fundada por aqueles que a formam. Os cidadãos são, ao mesmo tempo, aqueles que fazem as leis, as protegem e as cumprem. O preceito básico da democracia é que seus indivíduos sejam iguais em direitos e oportunidades. A Constituição do Brasil de 1988, além de afirmar a ordem democrática, informa que no país são fundamentais a cidadania e a dignidade da pessoa humana.

A cidadania vai além do direito ao voto, é ela que afirma o cidadão como pessoa capaz de criar ou transformar a ordem social, ou seja, é quem detém de fato o poder nesta forma de Estado. No Brasil, segundo Eduardo Gianetti da Fonseca (in TORO, 1997, p.15), existe um paradoxo em que os brasileiros reclamam da ordem social, mas não se vêem impelidos a alterá-la, “ninguém aceita, ninguém aguenta mais, nenhum de nós pactua com o mar de lama, o deboche e a vergonha da nossa vida pública e comunitária. O problema é que ao mesmo tempo, o resultado final de todos nós é exatamente isto que aí está.” Em outras palavras, no Brasil é necessário trabalhar essa mentalidade, e fazer entender aos cidadãos o real conceito de cidadania, mostrando-os responsáveis pela ordem social.

Toro afirma que (1998) a dignidade humana é expressa na Declaração Universal de Direitos Humanos (1948) e envolve garantir os Direitos Humanos (fundamentais, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais) e proteger e desenvolver a vida. Segundo Toro, todo o processo de mobilização social deve ter como meta contribuir para alcançar estes objetivos, o que faz da Constituição Brasileira uma fonte de validade e legitimidade. Afirmer um movimento de mobilização social que busque mais dignidade e direitos aos grupos LGBT se enquadra no propósito da Constituição Brasileira.

A participação popular na mobilização social é fator essencial. Não se trata apenas de sua meta, mas é também o seu meio de acontecer. Como a ordem-social não é natural, e sim criada e passível de mudanças, é necessário que haja uma maioria que a deseje modificar. Assim, a participação na mobilização é uma afirmação da democracia e uma necessidade para o desenvolvimento social. Para que ocorra esta participação é necessário que as pessoas entendam que o Público não é *o que é do governo*, e sim o que é de todos, e que se sintam donos dessa realidade pública partilhada pela sociedade. (ASSIS DA SILVA, 2004, p.32)

Ao se estruturar uma mobilização, o primeiro aspecto a ser levado em conta é o seu propósito, explicitado através de um imaginário convocante. No caso do presente trabalho, o imaginário convocante é convidar a sociedade a conviver em um país onde haja menos casos de violência e intolerância por orientação sexual, mostrando que os indivíduos que formam a parcela vitimada são cidadãos como tantos outros e que é dever da democracia ajudar a protegê-los. Para que o propósito seja atingido e recebido pelas pessoas é necessário que ele seja não só racional, mas também “capaz de despertar a paixão” (Toro, 1997, p.35). Essa capacidade de despertar a paixão é trabalhada através de informações que sensibilizem as pessoas, como exemplificações de casos de violências e registro de depoimentos de vítimas, familiares e associações.

Na estruturação de uma mobilização social, há diversos atores que assumem papéis que concretizam a ação (TORO, 1997, p.38). O primeiro de todos é o Produtor Social, aquele que vai legitimar a ação, criando as condições necessárias para que ela ocorra. Pode ser uma instituição, um grupo ou até mesmo uma única pessoa que tenha a capacidade de dar início ao processo. Ele não é o dono da ação, mas precursor do movimento que reflita a preocupação em modificar algo. O Produtor convida as pessoas a se transformarem de reativas a proativas, estimulando a capacidade de decidir coletivamente sobre suas escolhas.

Outros atores que participam do processo são os Reeditores Sociais. São quem tem contato direto com o público, sendo responsáveis por adaptar a mensagem para que ‘seu público-alvo’ a entenda da melhor forma. Não se trata de reproduzir um conteúdo, mas transformá-lo naturalmente, enriquecendo-o, agregando novos valores e experiências, para que o público o receba da melhor forma. Tomando como base o atual trabalho, todas as pessoas a quem chegarem as informações estarão atuando como Reeditores Sociais, visto que elas não só incorporarão a mensagem em seu dia-a-dia, mas também a adaptarão e disseminarão aos outros.

Outro papel desempenhado durante o processo é o de Editor. É ele quem transforma a mensagem principal da mobilização em conteúdo: objetos, signos e símbolos que serão utilizados pelos reeditores. Quanto maior o conhecimento do campo de atuação dos reeditores, melhor o trabalho do editor, criando possibilidades de utilização e eficácia para a mensagem. Ao editor cabe fornecer os primeiros instrumentos e respostas que

serão utilizados pelos reeditores, depois estes vão descobrindo em sua própria área novas maneiras de abordar e realizar as mudanças.

Para realizar a mudança proposta pela mobilização social, não é necessário cobrar grandes esforços dos participantes. As principais formas de contribuição se estruturam ao redor de atitudes cotidianas; é essencial que as pessoas tenham acesso a informações como objetivos, metas, situações e prioridades da mobilização, e também saibam como agir em seu dia-a-dia. Para isso o projeto de mobilização deve fornecer compreensões sobre o campo de atuação de cada um, com informações sobre os problemas a serem resolvidos e situações a criar e modificar, que atitudes e decisões tomar e que estão ao seu alcance. Este é o repertório inicial, que deve ser estimulante e suficientemente claro, e a partir do mesmo as pessoas irão descobrir e criar suas próprias formas de participar e contribuir para o objetivo.

A coletivização é outro passo fundamental, ela faz com que as pessoas se sintam integradas a um mesmo objetivo, estimulando-as a continuar dedicadas e reconhecendo que seu trabalho não é em vão. Ela pode ocorrer por meio de uso de uniformes, adesivação, eventos, redes sociais ou outras formas de reconhecer o esforço mútuo e a existência de um grupo com objetivos parecidos.

A comunicação tem papel essencial em todas as etapas da mobilização. É ela a responsável pela divulgação de informações necessárias e efetivas na convocação de pessoas, para a participação livre e consciente. É ela ainda a responsável pelo surgimento de novos atores, pessoas que se identificam com o objetivo da mobilização e passam a integrar a mesma. (KAYAYAN, 2004, p.45). Essa informação serve como a base para o trabalho dos participantes da mobilização, dos reeditores, dos editores e ainda pauta o trabalho do produtor, legitimando e reforçando seus trabalhos.

Comunicação e Arte

O veículo utilizado para disseminar as informações para este movimento de mobilização social é uma Revista-Manifesto, que contará primeiro com uma versão escrita e, em um segundo momento, uma versão online.

Como o tipo de veículo (Revista) é tradicionalmente um veículo de Comunicação de Massa, ela adquire características deste tipo de comunicação, sendo a princípio um sistema de comunicação em um único sentido. Porém, não é possível relegar a ela o conceito de Indústria Cultural, que geralmente acompanha a Comunicação de Massa. A cultura presente na revista não é tratada apenas como mercadoria, mas adquire forma de manifesto. Não é comercializada, é divulgada e distribuída gratuitamente. Em vez de reforçar a “alienação” que Adorno sugere, esta revista visa contribuir para o “esclarecimento” da população, estimulando pensamentos e julgamentos.

Como instrumento de comunicação e crítica presente na revista, foi utilizada a arte. Não sendo apenas uma manifestação de ordem estética, a Arte, desde que foi entendida como tal, desempenhou diversos papéis na história da humanidade, seja registrar, entreter, decorar, explorar, entender, entre outros; simbolizando estados da consciência humana com diferentes níveis de significados (GOMBRICH, 2000).

Outro papel presente em muitas obras de arte é o de criticar ou acusar comportamentos na sociedade. *Les misérables*, de Victor Hugo, enquanto obra escrita, e *Os fuzilamentos de 3 de Maio*, de Goya, enquanto pintura, são exemplos de artes que entre suas funções é possível perceber uma crítica à sociedade.

Seu caráter subjetivo funciona de maneira a não limitar as fronteiras do entendimento. A arte funciona como objeto de crítica porque em seu momento de apreciação dá margem a interpretação e estimula o pensamento. Seu conteúdo é assimilado de forma diferente por cada indivíduo, daí Gombrich discorrer sobre seus diferentes níveis de significados.

Revista

A comunicação escrita, que engloba literatura, jornais e revistas, tem sido constante porta-voz de culturas, acontecimentos, movimentações e revoluções pelos quais as sociedades passaram durante os séculos.

Essas transformações refletiram na maneira de se divulgar os fatos, fazendo com que a mídia fosse moldada conforme essas diversas mudanças, levando-a a se adaptar segundo as novas necessidades que surgiam.

Produzir revista é manter uma relação de amor com o leitor. A definição do editor espanhol Juan Caño (em SCALZO, 2003, p.12) demonstra bem a idéia de se produzir este periódico tão particular, que apesar de ser uma das mídias mais antigas, tem se renovado ao longo dos séculos, para se adaptar às necessidades do seu público.

Correa (2005) destaca que a história das revistas tem seu pontapé inicial em busca da variedade. O autor enfatiza que “o objeto era igual a um livro, mas com assuntos variados, ainda que reunidos sob um mesmo tema, no caso a teologia. Enquanto os livros tratavam e geralmente tratam de um mesmo tema, a revista inovou, ao tratar de um mesmo tema com assuntos variados”.

Scalzo destaca que essa mídia surgia “voltada para um público específico”, uma das características mais fortes que a revista ainda carrega nos dias atuais, aprofundando assuntos de maneira diferente, “mais que os jornais, menos que os livros”.

Ao longo dos séculos, o desenvolvimento de novas idéias e a diminuição do analfabetismo fez a revista se popularizar, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos.

No Brasil, revistas apareceram com a chegada da corte portuguesa, no início do século XIX. Antes disso, segundo Scalzo, a imprensa era proibida em nosso país. Mas também existem divergências acerca de seu surgimento. A autora acredita que a pioneira tenha sido *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, publicada em 1812, em Salvador.

A partir dos anos 1850, as revistas começam a conter mais ilustrações e utilizar caricaturas, humor e textos curtos e em suas publicações. O gênero masculino começou a ser lembrado no final do século XIX, com o lançamento de *Rio Nu*, que além de notícias políticas e sociais, se diferenciava por conter um conteúdo de imagem e textos eróticos. O início do século XX foi marcado pelo desenvolvimento tecnológico no setor de impressão, o que melhorou significativamente a imagem visual dos periódicos além de multiplicar as facilidades de produção e distribuição.

Em contrapartida à crescente qualidade, ao uso de grandes editores e processos complexos de produção, a partir de 1930, nos Estados Unidos surgiu um fenômeno de revistas pequenas, denominadas as primeiras fanzines (GUIMARAES, 2005, p.14). Segundo o autor, este é um tipo de publicação feita por indivíduos que são muito fãs de algum assunto, e que divulgam a informação coletada através de periódicos simples,

muitas vezes feitos em casa. Hoje porém, “o termo Fanzine se disseminou de tal forma que engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado.” (Guimarães, p.16)

As revistas vêm sobrevivendo durante os séculos devido a características muito particulares. Apesar da existência de uma sociedade digital, na qual o número de sites e blogs jornalísticos tem aumentado a cada dia, e da existência de outras mídias que divulgam os fatos quase instantaneamente – como televisão e rádio –, ainda existe uma grande valorização do que está escrito no papel, como se o fato de poder guardar aquela notícia seja a prova de que é verdadeira.

Ainda, a revista tem a vantagem de ter mais tempo para apurar os fatos, descobrir novas óticas sobre um mesmo tema, fazer uma abordagem mais contextualizada, se preocupar com a estética do texto, entre tantos outros fatores que enriquecem uma reportagem.

Mais do que qualquer outra mídia, a revista tenta criar um contato mais íntimo com seu público, investindo tempo em saber quem ele é, quais suas preferências, seus questionamentos, suas dúvidas, suas curiosidades. O laço de afetividade que a revista consegue criar com o seu público e que a leva a se tornar um objeto querido, ainda existe por falarem a língua da sua audiência, fornecendo um material que a interessa, que foi produzido pensando nela.

Além disso, a revista é formatada de maneira fácil de levar, de guardar, de recortar, o que resulta na dificuldade dos seus leitores em descartarem-na. Esse traço é tão evidente que Scalzo ainda desafia: “atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revista fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título” (2003, p.12).

Outra peculiaridade da revista é o uso freqüente de ilustrações. Apesar de a televisão e o cinema passarem imagens em movimento, a revista permite que o leitor contemple uma foto ou figura pelo tempo que achar necessário. E, por possuir mais espaço que o jornal cotidiano e as outras mídias, ainda pode trabalhar com recursos gráficos, como diagramas, tabelas, infográficos, entre outros, que facilitam sobremaneira a compreensão do que está sendo lido.

A possibilidade de poder ousar na diagramação também é um fator relevante do periódico. Com a variedade de formas e tamanhos das ilustrações, é comum que o texto

se adapte ao formato de uma figura, ou que ele esteja disposto de diferentes maneiras em uma só página.

Todos esses atrativos são um diferencial importante que o leitor, mesmo sem se dar conta, leva em consideração, pois além de facilitar a forma de leitura e a compreensão dos acontecimentos narrados, ainda consegue fornecer um prazer diferenciado da leitura linear, que às vezes se torna tão cansativa, especialmente para um veículo com tantas informações.

Conclusão

A Revista MANIFESTO é uma iniciativa de combate a homofobia que difere das outras iniciativas por não ter origem em ONGs ou programas governamentais. Outro aspecto diferente é seu foco na arte como ferramenta. Ao mesmo tempo que isto é um ponto positivo por aumentar as possibilidades de trabalhar com o tema, a arte enquanto ferramenta torna o entendimento difuso ou não garante que a mensagem seja completamente passada, uma vez que a arte parte do campo da subjetividade para ser interpretada e internalizada.

A produção de uma revista que não conta com anúncios publicitários ou patrocínio de entidades e governo esbarra em muitas dificuldades, entre custos de material e produção e divulgação. Por causa disso, a revista contará com um arquivo para impressão que será distribuído para entidades que possam ter interesse em arcar com os custos da produção. Além de possuir também sua versão eletrônica para diminuir os custos de divulgação.

A MANIFESTO surge como uma tentativa de buscar mais dignidade e garantia de direitos às minorias sexuais. Não se prende a julgamentos de valores quanto ao comportamento ser certo ou errado, mas parte do pressuposto que todos os seres humanos tem garantias, direitos e deveres.

Porém, quando se trata deste grupo, é recorrente que seus deveres sejam vistos com prioridade e parte de seus direitos e garantias sejam ignorados. Pagam impostos mas não os usufruem plenamente. São vítimas de preconceito, violência e lutam diariamente por uma vida mais digna.

A Manifesto não tenta impor suas idéias contra quem não concorda com sua linha de raciocínio. Sua distribuição é gratuita, e ninguém é obrigado a concordar com seu conteúdo. Mas ela aparece de boa vontade a quem deseja se informar mais sobre o tema.

Também não nega a importância de outras manifestações ou projetos que estão defendendo a mesma causa. Acredita que junto a estas outras frentes, como Paradas do Orgulho, programas Governamentais e Educacionais, investimentos no Mercado, entre outros, também está contribuindo para um mundo mais justo e igual em suas oportunidades, onde a diferença não seja apenas respeitada, mas comemorada.

Para isso a Manifesto vale-se da arte, expressão humana considerada sublime, para expor seus conceitos e idéias. Assim, por meio da crítica na arte, a Manifesto celebra e defende a vida. Porque celebrá-la é fazer arte. E fazer arte é se manifestar.

Notas

1-Flash Mobs são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas se dispersando tão rapidamente quanto se reuniram. A expressão geralmente se aplica a reuniões organizadas através de e-mails ou meios de comunicação social.

2 - Happenings - O happening (do inglês, acontecimento) é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas. Neste tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repete da mesma maneira a cada nova apresentação.

3-Dicionário Michaelis (VERSÃO ONLINE, CONSULTADO EM MAIO/2011) -
queer - adj 1 esquisito, fantástico, estranho. 2 sl homossexual.

4- Declaração retirada do site:

<http://colunas.cbn.globo.com/platb/miltonjung/tag/direitos-humanos/>

5- Site: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1634176-15605,00.html>

6- Site: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101115/not_imp640013,0.php

Referências Bibliográficas

CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sivila, A Constituição da Problemática da Violência contra Homossexuais: a Articulação entre Ativismo e Academia na Elaboração de Políticas Públicas, in *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2):185-205, 2006

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. Brasil
sem homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra
GLBT e de Promoção à Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da
Saúde, 2004.

CORREA, Tomaz Souto (2005). Primeira Parte de uma breve história das revistas.
Acesso em : 10 de Outubro 2009.
(http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_84318.shtml)

ONU, Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948.

FRY, Peter; MacRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOMBRICH, Ernst H. História da Arte; São Paulo: LTC. Editora, 2000

GUIMARAES, Edgard. Fanzine – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005

GRUPO GAY DA BAHIA, Relatórios. Acesso em : 10 de Maio 2011.
<http://www.ggb.org.br>

KAYAYAN, Agop K., ASSIS DA SILVA, Luiza Mônica (org.) . Estratégias de
comunicação e mobilização social – Brasília: Universa, 2004

LUPTON, Ellen (ed.) – A produção de um livro independente Indie Publishing: um
guia para autores, artistas e designers (Tradução Maria Lúcia L. Rosa) São Paulo:
Edições Rosari, 2011

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Ed. Ática, 1989

MISKOLCI, Richard, A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da
normalização. In: *Sociologias*. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009

QUEIROZ, Brisa Martins, Imprensa Homossexual, no Brasil? Monografia de
Graduação, Faculdade de Comunicação, UnB, 2007.

SCALZO, Marília. Jornalismo de Revista. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Tomas Tadeu da (Org. e Trad.) O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo
Horizonte: Autentica, 1999

TORO, A., Jose Bernardo e Werneck, Nísia Maria Duarte. Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação – ABEAS, UNICEF, 1997

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

Obras Consultadas

ADORNO, Theodor Walter. Teoria estética. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

COLLARO, Antônio Celso. Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação. São Paulo: Summus, 2000.

FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MONTORO, Tânia Siqueira (coordenadora), Comunicação e Mobilização Social, Série Mobilização Social, vol.1, UnB, Brasília, 1996

MOTT, Luiz. O Sexo Proibido: Virgens, Gays e escravos Nas Garras da Inquisição. Campinas: Papyrus. 1986.

MOTT, Luiz et al. O crime anti-homossexual no Brasil. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002

Exposição EU TE AMO, Kazuo Okuzo, 2011

Referencias Visuais

Revista NIL, #01, www.revistanil.com

ZUPI, Edição 004, ano 02

STANDARD, #17, Revista Belga

SENHOR, #8, Agosto 1971

SENHOR, Maio, 1962

Anexo I

Pesquisa Realizada Durante a Marcha Nacional Contra Homofobia

Legenda para as perguntas:

- (A) Para você, qual o meio de comunicação mais eficiente para levar à população informações que tenham intenção de acabar com a homofobia.
- (B) Qual o motivo para escolha de sua resposta na questão anterior
- (C) Se houvesse alguma revista com esta intenção, que tipo de conteúdo você considera importante de ser abordado
- (D) O que você acha que a revista mencionada precisa ter para ser mais atraente ao público?

1

Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Transexual ,Feminino, 45 anos

- a- Grande Imprensa (jornais) e Internet
- b- A primeira atinge muitas pessoas e a segunda tem possibilidade de multiplicar o conteúdo
- c- Mostrar os casos de violência e abordar a transfobia, que normalmente é ignorada.
- d- Abordar atualidades e trazer depoimentos

2

Teresina, Piaui

Travesti, 47 anos

- a- TV
- b- Mais acessada
- c- O principal conteúdo é mostrar respeito às diferenças.
- d- Mostrar afirmações de afeto

3

Belo Horizonte, MG

Homossexual, masculino, 45 anos

- a- Jornais
- b- Tem um caráter mais sério
- c- Mostrar as reivindicações de todos os segmentos LGBTs
- d- Tem que ser bem feito para ser atraente

4

Brasília, DF

Homossexual, Feminino, 22 anos

- a- Internet
- b- Mais direta e utilizada
- c- Mostrar a relação do machismo com a homofobia
- d- Não ser pedante nem apelativa

5

Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Travesti, 60 anos

- a- Internet
- b- Rapidez da informação
- c- Revista não funciona para isso.
- d- Mostrar conteúdo que choque

6

Brasília, Distrito Federal

Homossexual, Feminino, 26 anos

- a- TV
- b- Maior acesso
- c- Mostrar a realidade e o dia-a-dia, como pessoas normais
- d- Buscar se encaixar no pensamento dos heterossexuais e fazê-los se questionar

7

Brasília, Distrito Federal

Homossexual, Masculino, 17 anos

- a- TV
- b- As pessoas não costumam ler muito, TV é mais viável
- c- Demonstrar direitos e busca pela igualdade
- d- É necessário fugir dos estereótipos e mostrar pessoas atraentes.

8

Brasília, Distrito Federal

Homossexual, Masculino, 19 anos

- a- Novelas na televisão
- b- Maior parte da população assiste
- c- Homossexuais competentes trabalhando
- d- Lésbicas na capa

9

Piracicaba, São Paulo

Transexual, Feminina, 45 anos

- a- Jornais
- b- Comunicação Forte e popularidade
- c- Conteúdo político
- d- Conteúdo sobre travestis e transexuais

10

Brasília, DF

Bissexual, Feminino, 18 anos

- a- TV
- b- Direto, é mais barata e alcança a todos
- c- Mostrar mais a realidade e menos estereótipos
- d- Mostrar imagens chamativas e pessoas atraentes

11

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 45 anos

- a- Revistas
- b- São mais descontraídas
- c- Mostrar como homossexuais são recebidos na sociedade, religião, família
- d- Tem que ser atual e bem feita

12

Piracicaba, SP

Transexual, Feminino, 30 anos

- a- TV
- b- Tem mais força e acesso
- c- Prevenção de doenças e respeito
- d- Mostrar que ser LGBT é uma característica normal

13

Brasília, DF

Heterossexual, feminino, 43 anos

- a- Imprensa escrita, Jornais de Entidades
- b- Abre o debate para preparar com precisão os assuntos
- c- Valorizar os direitos de liberdade e igualdade, abordar a questão política e religiosa
- d- Mostrar o direito de ser livre e ter família

14

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 18 anos

- a- TV
- b- Tem mais presença, pessoas mais velhas não utilizam internet
- c- Mostrar a questão histórica, informações com dados
- d- -----

15

Brasília, DF

Bissexual, feminino, 20 anos

- a- Redes Sociais
- b- Um dos mais utilizados, dispensa outros recursos e não gera lixo
- c- Mostrar prevenção, assim como direitos e deveres
- d- Fugir de conteúdo apenas voltado ao universo gay. Mostrar cultura, lazer e entretenimento.

16

Piracicaba, SP

Homossexual, Masculino, 38 anos

- a- Tv
- b- Mídias de Massa
- c- Muita informação contra as diferenças
- d- Demonstrar atualidades e notícias

17

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 28 anos

- a- Internet, principalmente as redes sociais
- b- Pessoas tem abandonado TV e leituras, a internet está ao redor de tudo
- c- Mostrar a questão cultural, afastar a imagem de gay de promiscuidade
- d- Criar um informativo chamativo, colorido, material bem feito e com textos diretos e curtos

18

Porto Alegre, RS

Homossexual, Masculino, 27 anos

- a- Mídias Sociais
- b- Tem boa penetração, Brasil é o único país que tem uma política pela Internet de Alta Velocidade. É rápida, objetiva e disseminável
- c- Abordar pontos em comum entre gays e héteros. Mostrar afetividade e vida conjugal
- d- Ter muitas imagens (ilustrações) e ser chamativa

19

Brasília, DF

Travesti, 25 Anos

- a- Jornal e revistas
- b- Dá para levar para diversos lugares
- c- Mostrar travestis como pessoas normais
- d- Tem que ser moderna

20

Brasília, DF

Homossexual, feminino, 29 anos

- a- De conteúdo escrito
- b- Na Internet e na televisão, só se acessa o que se quer ver, a leitura é mais direcionada
- c- Mostrar dados sobre a violência
- d- Não pode ser chato, parecendo militante demais.

21

Taguatinga, DF

Bissexual, masculino, 19 anos

- a- Internet
- b- É mais atual
- c- Mostrar a necessidade dos direitos
- d- Tem que ter beijo lésbico na capa

22

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 23 anos

- a- Mídia impressa
- b- Mais fácil articular argumentos
- c- Conteúdo diversificado
- d- Fugir da monotonia do discurso político

23

Brasília, DF

Heterossexual, masculino, 25 anos

- a- Redes Sociais
- b- Abrem o debate
- c- Mostrar que diminuir o preconceito não prejudica ninguém
- d- Abordar as vantagens de viver sem preconceito

24

Brasília, DF

Heterossexual, feminino, 28 anos

- a- TV
- b- Atinge mais gente
- c- Mostrar dados de violência que convençam as pessoas
- d- Ser simples

25

Goiania, GO

Homossexual, masculino, 38 anos

- a- Jornais impressos
- b- Tem conteúdos mais completos
- c- Mostrar a importância do debate
- d- Ser convidativa para todos

26

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Homossexual, Drag Queen, masculino, 24 anos

- a- Sites, Redes Sociais e Eventos
- b- Alcance e visibilidade
- c- -----
- d- Mostrar ética e amor

27

Brasília, Distrito Federal

Homossexual, Feminino, 18 anos

- a- Internet
- b- É atual, tem muitos acessos, há uma lan house em cada esquina
- c- Informações sobre doenças e prevenção
- d- Fugir de estereótipos (Não é porque alguém é gay ou lésbica que dará em cima de todo mundo)

28

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 22 anos

- a- Internet, redes sociais
- b- Fácil e rápido acesso
- c- Mostrar gays em profissões não comuns.
- d- Matérias diversificadas

29

Manaus, AM

Homossexual, Feminino, 30 anos

- a- Televisão
- b- Ninguém paga pra ver
- c- Mostrar mais famílias e cultura
- d- As pessoas gostam de ver gente bonita

30

Brasília, DF

Bissexual, Feminino, 19 anos

- a- Internet
- b- Todo lugar hoje em dia tem internet
- c- Dar informações sobre o meio de vida gay, é preciso conhecer para perder o preconceito
- d- Fugir das abordagens normais que já são banalizadas

31

Palmas, TO

Heterossexual, Feminino, 24 anos

- a- Informativo impresso
- b- Totalmente direcionado
- c- Mostrar as consequências da homofobia
- d- Deve ser bem editada e agradável aos olhos

32

Brasília, DF

Homossexual, masculino, 29 anos

- a- Televisão
- b- Toda casa tem televisão
- c- Trabalhos de Ongs e pessoas que se esforçam para diminuir preconceito
- d- Ser objetiva e direta

33

Brasília, DF

Transexual, feminino, 35 anos

- a- Internet
- b- É o principal meio hoje em dia
- c- Casos de transfobia, que é ignorada pelo movimento LGBT
- d- Ser convidativa, mostrar que não é uma luga apenas do movimento, mas sim da sociedade

34

Taguatinga, DF

Homossexual, Masculino, 27 anos

- a- Facebook
- b- Tem contato direto com as pessoas
- c- Busca pelos direitos e igualdade
- d- Mostrar notícias chocantes, as pessoas gostam de sensacionalismo